

Lula

Se ele parasse com isso...

José J. Veiga



O pai deu uma olhada no jornal antes do almoço e afastou-o para um lado. A mulher perguntou se ele já havia se decidido. Ele disse que não; achava as coisas ainda muito emboladas. Sem tirar os olhos da revistinha, Verônica (dez anos, filha única do casal), quis ajudar.

— Se eu votasse, cravava o Eneas. Acho ele uma graça.

Os pais se entreolharam, e sorriram do critério da menina para escolher presidente.

Jandira começou a servir o almoço. A mulher disse que estava inclinada a votar em Lula.

— Não desgosto dele como pessoa — disse o marido. — Ele tem o *glamour* daquelas histórias de sucesso que eu lia na infância. De lenhador a presidente (Abrahão Lincoln). De escravo a poeta (Luís Gama). De servente de cozinha a prefeito de Londres por três vezes (Dick Whittington).

— Então? Qual a restrição? A barba?

— Não. Barba pode até ser vantagem. Pode ser posta de molho em momentos de crise, o que não acontece com bigode.

— Depois — insistiu a mulher — repare numa coincidência curiosa. O nome dele tem quatro elementos: Inacio Luiz da Silva Lula.

— E o que tem isso?

— Tem que os bons presidentes todos tinham nome de quatro elementos: Prudente José de Moraes Barros, Manuel Ferraz de Campos Sales, Afonso Augusto Moreira Pena, Washington Luís Pereira de Souza.

— Pois o nome é justamente uma de minhas implicâncias. O nome dele é Luiz Inacio da Silva, só. Lula é apelido. Ora, o costume aqui é o apelido vir depois do nome, não no meio. Antonio Carlos Jobim, Tom. Alfredo da Rocha Viana, Pixinguinha. Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Isso de pôr o apelido no meio do nome é imitação de americano.

— Puxa! Riscar um candidato só por isso?

— Não é só por isso. É também pelo semblante aflito dele. Parece que ele está esperando uma catástrofe para qualquer momento. Cara de catástrofe atrai catástrofe.

— Peraí, pai. O que é catástrofe? — perguntou Verônica.

O pai explicou, e continuou: — Outra coisa que me faz correr dele é a voz. Parece que ele faz gargarejo com areia antes de ir para os comícios. Já imaginou a gente ter de ouvir aquela voz rascante durante cinco anos?

— Ora essa — disse a mulher. — Voz é veículo, o que importa é o que ela carrega. Churchill não era meio gago? Nero não tinha voz aflautada, segundo dizem?

— Isso mesmo, mãe. A Clementina e Louis Armstrong também tinham voz areenta, e fizeram sucesso cantando. areia na voz não atrapalha — disse a menina.

— Sei não. Se ele me promettesse parar com os gargarejos, eu relevava a cara de alito. Aflição na cara e areia na voz é dose — disse o pai.



Lula, de mãos postas: em busca da pureza